

UM SENTIMENTAL APAIXONADO

Sérgio Milliet

Artigo publicado em 30 de setembro de 1944 em *O Estado de S. Paulo* e incluído no *Diário Crítico do autor* (São Paulo, Brasiliense, 1945, p. 265-269), de onde o reproduzimos.

Meu primeiro encontro com Monteiro Lobato verificou-se nos escritórios da Cia. Editora Nacional, por volta de 1924. Paulo Prado assumia a direção da *Revista do Brasil* e desejava abri-la aos "revolucionários" de 22. À página 445 de sua correspondência com Godofredo Rangel, Lobato assinala o acontecimento da seguinte maneira: "Entreguei a Revista a Paulo Prado e Sérgio Milliet e não mexo mais naquilo. Eles são modernistas e vão ultra-modernizá-la. Vejamos o que sai — e se não houver baixa no câmbio das assinaturas o modernismo está aprovado".

Muito antes dos *Urupês* e do grande êxito literário, o mesmo Lobato acertadamente advertia seu amigo Rangel dos perigos da popularidade, e o cientificava de que as grandes obras não são nunca as que o público aprecia de cara. A contradição não tem grande importância e pode até ser atribuída ao desmentido do seu êxito pessoal, porém marca um caráter peculiar a Lobato e a boa parte dos nossos literatos: o antagonismo entre a teoria literária, a ideologia em suma, e a atitude assumida no cotidiano. Somos comunistas, mas não nos conformamos com a socialização da propriedade; somos fascistas, porém não aceitamos o totalitarismo; dizemo-nos liberais e ansiamos pela intervenção do Estado no mercado do café; e chegamos a ser católicos sem acreditar em Deus.

Lobato, como quase todos nós vive nessa confusão, o que faz possa ser tão simpático e tão incompreensivo alternativamente. Simpático quando suas

preocupações e seus assuntos se enquadram nos nossos, e incompreensível quando exigimos dele uma sensibilidade acima do seu personalismo ou uma inteligência menos formal do que a sua.

Nessa questão da arte moderna ninguém se revelou mais intransigente e menos penetrante: desde sua famosa crítica ao Alejadrinho, a quem chamou "Santeiro vulgar", até as suas reflexões públicas atuais. De passagem elogiou porque "muito bem desenhadas", as figurinhas do *Journal des Voyages* e a incrível mediocridade da crítica de Stendhal à pintura italiana. A única obra do grande escritor francês que os próprios stendhalianos arrenegam. Em pouco mais de quarenta anos de atividade artística não "deu uma dentro" em matéria de artes plásticas. Já na literatura sua opinião parece mais criteriosa, pelo menos em relação aos valores indiscutíveis, pois diante dos contemporâneos, pouco clarividente se revela, comparando o pobre e melodramático Henry Bernstein a Shakespeare. É classificando Graça Aranha como sociólogo — É verdade que admite não sobreviver essa sociologia que não passa de literatura filosófica. Também na qualificação dos escritores erra por vezes desastrosamente. Assim se refere ao "calmo Zola" como se se tratasse de Henri Bordeaux ou de Francis Jammes.

A correspondência que acaba de ser publicada tem contudo muitos méritos. Em primeiro lugar o de clarear um pouco a atmosfera desse período indeciso da literatura paulista anterior a 1922. E desse ponto de vista as notas me parecem mais úteis do que as cartas, além de mais vivas e do melhor Lobato. Em segundo lugar o de abrir-nos alguma perspectiva sobre o coração do escritor, bem mais humano do que transparece em seus contos, e muito semelhante ao que deve ter ditado os famosos prefácios com que presenteou generosamente inúmeros intelectuais de segundo time.

Por mais estranho que pareça, Lobato é um sentimental apaixonado, um entusiasta cego de seus amigos, um impulsivo. O que não prejudica em nada sua capacidade de observar e de apreender o lado cômico ou grotesco das coisas e das gentes. Mais grotesco, aliás, do que simplesmente cômico. Dessa qualidade peculiar aos sentimentais, nasce sem dúvida a tendência para a caricatura mordaz que me irrita amiúde pela injustiça. Jeca Tatu é quase uma vingança pessoal; é o caboclo visto com o olhar azedo do fazendeiro malogrado. Há menos humor do que sarcasmo na maioria de suas piadas, pois o humor, já o disse um conhecedor, jorra da ternura e do pudor dos tímidos. É uma compensação. Ao passo que o sarcasmo é uma transferência do espírito de revolta. É com o sarcasmo que o intelectual se vinga dos outros; é pelo humor que ele se castiga a si próprio.

A Barca de Gleyre tem ainda o mérito de revelar-nos em Monteiro Lobato uma mocidade mais sensível do que a idade madura, e mostrar-nos assim

que "l'irreparable outrage" dos anos o convencionalizou, amoldou-o a uns tantos preconceitos literários e artísticos, o que não podia ser previsto em 1905, quando escrevia este belo comentário ao estilo: "estilo é a última coisa que nasce num literato — é o dente do sizo. Quando já está quarentão e já cristalizou uma filosofia própria, quando possui uma luneta só dele e para ele fabricada sob medida, quando já não é suscetível de influência por mais ninguém, quando alcança a perfeita maturidade da inteligência, então, sim, aparece o estilo. Como a cor, o sabor e o perfume de uma fruta só aparecem na plena maturação".

Nada mais justo. Antes desse clímax, salvo nos casos de presença de gênio, o estilo é uma cópia, uma sujeição ao gosto do dia. Mas a bela advertência não parece ter sido aproveitada integralmente pelo próprio Monteiro Lobato, pois embora tenha trazido para a literatura temas inéditos, pequena foi a sua contribuição estilística. Certa timidez o impediu de quebrar as peias tradicionais e enveredar francamente para a língua brasileira, para a língua falada no Brasil, conviria talvez dizer. Ficou, desse modo, dentro de um português bastante convencional, chocante no assunto regionalista. Temos a impressão, após a série de romances e contos publicados, que Lobato alcançou a maturidade sem se realizar completamente.

Seu estilo se ajustou aos velhos cânones, e camilianos. Apenas lhes acrescentou o nosso autor algumas novidades vocabulares, tal qual fizeram Valdomiro Silveira e outros.

A preocupação de escrever certo, e não de escrever expressivo, transparece nesta volumosa correspondência e dá-lhe indistarcável afetação. Para felicidade nossa de quando em quando "le naturel revient au galop".

As agudas observações acerca da morte de uma menina, e do ambiente logo criado pelas mulheres da casa em torno da desgraça, são dignas de um grande escritor. Ei-las: "Vi tudo. Vi a ciência infusa feminina em ação. Não há o que não saibam, as danadas. Sabem que se deve pôr nas faces do defunto um lenço embebido em água-de-colônia — "para não pretejar". Sabem que entre os lábios é bom pôr um chumacinho de algodão — "porque pode subir alguma espuma". E têm toda uma filosofia prática de grande comodidade, com a qual se consolam e consolam os outros: "Acabou de sofrer; agora é que ela está feliz. Vai para o céu lá com Deus". "Que inveja tenho dela! Quando chegar ao céu Deus não achará isto de pecado na coitadinha" e marcam o "isto" na unha".

É espantosa e do melhor Lobato essa página. Do Lobato duramente azedo, quase desumano de alguns contos seus. Mas veja-se a preocupação da boa escrita mesmo na frase mais vulgar da cena, na frase que deveria ser fotográfica

apenas: "Quando chegar ao céu", por que não "no céu", como diz, na realidade, qualquer um de nós, a menos de estar fazendo literatura?

A publicação da correspondência de Lobato com Godofredo Rangel foi excelente iniciativa. Mas não basta para informar-nos dos fatos e idéias dessa época, 1905-1922 (o período mais recente nos é conhecido). Deve-se publicar também a correspondência trocada com outros amigos. E a correspondência destes recebida. Da turma que freqüentou assiduamente o autor de *Urupês* só se firmaram nas letras nacionais Godofredo Rangel e Léo Vaz. Ricardo Gonsalves morreu moço. Os outros se dispersaram, desapareceram do palco literário.

Edgar Cavalheiro, no prefácio inteligente que escreveu para *A Barca de Gleyre*, aponta como características de Monteiro Lobato a insatisfação, a inquietude, o inconformismo. Psicologicamente está certo, e na vida ativa desse caboclo atarracado sob as grossas sobrancelhas pode-se assinalar um vaivém irrequieto que nos desnorteia. Mas literariamente está errado, pois o caminho percorrido pelo escritor é largo e reto. Talvez mesmo sua obra ganhasse em força convincente se maior inquietação houvesse sofrido na forma.

Monteiro Lobato é uma figura definitiva em nossa literatura, e não um equívoco como querem alguns contemporâneos mais hostis à sua maneira. Mas é uma figura que não permanecerá intacta através do tempo como afirmam outros. Passará pelo crivo das revisões impiedosas e ainda encontrará entusiasmos alucinados. Do barulho sairá para as antologias uma dúzia de contos modelares. E mais boa parte de sua literatura infantil que só encontra paralelo nas grandes literaturas infantis internacionais.